



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 7 – Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação

Comunicação Oral

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS BOLSISTAS DE PRODUTIVIDADE
PQ 1 EM COMUNICAÇÃO (2004-2013): INDICATIVOS SOBRE O
CAMPO CIENTÍFICO¹**

***PRODUCTION OF SCIENTIFIC PRODUCTIVITY GRANTS PQ 1 IN
COMMUNICATION (2004-2013): INDICATOR ON THE SCIENTIFIC
FIELD***

Willian Lima Melo, UFPE
willianmelo23@gmail.com

Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia, UFPE
aegcc3@gmail.com

Resumo: Este artigo propõe o debate sobre a realidade científica atual, apontando que a constituição do campo da Comunicação é realizada por meio de diversas colaborações intelectuais erguidas estrategicamente. Tem o objetivo de relacionar a produção dos bolsistas de produtividade em pesquisa 1 no período de 2004-2013 à caracterização do campo científico da área de Comunicação no Brasil. A pesquisa é de cunho exploratório qualitativo sobre a temática e se utiliza do emparelhamento como estratégia de análise. Apresenta indicativos que ajudam a interpretar o campo científico da Comunicação, derivado das relações sociais dos agentes participantes, bem como de suas produções. Considera que o levantamento das informações ajudou a entender o funcionamento do campo científico da Comunicação, ponderando que as ações de conhecimento e reconhecimento dos agentes do campo não são fortuitas.

Palavras-chave: Comunicação. Pesquisas. Ensino superior - Pesquisa. Sociologia do conhecimento.

Abstract: This article intends to debate about the current scientific reality, as it shows that the constitution of the Communication's field is constructed by many intellectual collaborations

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

strategically built. This article aims to connect the researchers receiving CNPq's productivity grants, in the 2004-2013 period, to the Communication scientific field's characterization in Brazil. The research is qualitative and exploratory and it uses pattern-matching method as analysis strategy. It presents indicators that help to understand the Communication's scientific field as a product of social relations between participating agents and their productions. It cogitates that the data collection of the information helped to understand the functioning of the scientific field of Communication, considering that the actions of knowledge and recognition of field agents are not random.

Keywords: Communication. Researches. Higher education - Research. Sociology knowledge.

1 INTRODUÇÃO

É válida a ressalva sobre a necessidade de tentativas intelectuais que concorram à validade científica e que constituam, ou persistam para obter, um desenho teórico formal para a Comunicação. A Ciência é desenvolvida a partir de interações em um espaço social específico: o campo científico (BOURDIEU, 1983). Ela é considerada fruto de uma colaboração social, ou seja, depende da atividade coletiva de um grupo para emergir. Os agentes que compõem o campo científico são os responsáveis por atribuir características variadas a este espaço. Em um campo existe uma lógica própria de funcionamento, pautada no sistema de conquista, acúmulo e perda de capital científico entre os agentes/instituições. Existe, no campo, um sistema social particular que é responsável por configurar uma identidade própria ao mesmo (BOURDIEU, 2008).

O capital científico é baseado em dois pontos: conhecimento e reconhecimento. Bourdieu (2004, p.26) comenta que esse capital “[...] consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico [...]”, assim sendo, reconhecer um sistema de acúmulo de capital científico é reconhecer que os agentes e instituições presentes no campo partilham de um ideal de luta por reconhecimento, mesmo que essa partilha pouco transpareça, ou pouco deixe transparecer (BOURDIEU, 2012).

Para Merton (2013), a ciência não é autônoma em suas finalidades, uma vez que é provocada a possuir relações com o social. Indo além de Merton, Bourdieu (2004) afirma que a ciência não é uma instituição independente financeiramente para alcançar suas finalidades, com isso, vê-se configurada a característica de relativa autonomia, ou seja, uma instituição que é dotada de ação, porém não tem total autonomia. E é configurando sua relativa autonomia que a ciência mostra ser sensivelmente passível à influência e poder de outros campos que nela possuem interesse (político e econômico, por exemplo). Essa última afirmação recebe força ao explicitar a política científica adotada no Brasil, que é pautada na valorização da ciência e de recursos humanos especializados como via de alcance do

progresso. Segundo Morel (1979), a institucionalização da política científica brasileira ocorre com a criação – e a adoção de suas respectivas políticas científicas – da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Especificamente, este trabalho dedica atenção às produções científicas de um grupo seleto de pesquisadores beneficiados pela política científica de fomento adotada pelo CNPq, por meio do programa de produtividade em pesquisa (PQ). Apresenta resultados da pesquisa defendida por Melo (2015) no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco, que analisou 131 bolsas de produtividade que estavam em curso em 2013, distribuídas a pesquisadores da área da Comunicação, localizados em diferentes regiões do país. Especificamente, este estudo teve como objeto de pesquisa as produções científicas dos 53 pesquisadores PQ 1.

Resultado das atividades dos agentes e instituições científicas, a Ciência vem se caracterizando, considerando o contexto da luta, do interesse, da transversalidade, da troca (mérito e benefícios). E, com base nestes aspectos, teve-se como objetivo relacionar a produção dos bolsistas PQ 1 no período de 2004-2013 à caracterização do campo científico da área de Comunicação no Brasil. Sobre o problema, questionou-se: é possível obter indícios sobre o campo científico da área de Comunicação por meio da análise da produção científica dos bolsistas PQ 1? Para tanto, além de identificar os pesquisadores, foi necessário transformar o quantitativo referente à produção científica em indicadores que ajudassem a compreender a lógica de funcionamento deste campo específico. Foi tido como hipótese que a produção científica do grupo específico estudado carregava indícios de características presentes no campo científico da Comunicação. A pesquisa demonstrou aspectos multidisciplinares e reconheceu na Ciência da Informação a potencialidade de alcance dos objetivos pretendidos. De perspectiva mais genérica Guimarães, Gracio e Matos (2014) justificam que por meio de estudos como este, pode-se identificar, evidenciar e visualizar a distribuição científica dos bolsistas de produtividade, levando em consideração a relevância e contribuição das pesquisas geradas pelos pesquisadores para o desenvolvimento da Ciência.

2 CIÊNCIA, ESPAÇO SOCIAL E A NOÇÃO DE CAMPO

A sociologia do conhecimento começou a despontar como objeto de investigação no início do século XX, sendo a França, a Alemanha e os Estados Unidos seus primeiros representantes. Foi na Alemanha que a terminologia “sociologia do conhecimento” começou a

ser usada de forma estrita, dentre os reconhecidos autores sobre a temática encontram-se: Karl Marx, Max Weber, Max Scheler e Karl Mannheim. Na França, são notórios os nomes de Auguste Comte, Émile Durkheim, Marcel Mauss e Marcel Granet. Nos Estados Unidos, a pragmática filosofia crítica sobre a realidade (semiótica) colaborou para que Thorstein Veblen fosse seminal autor interessado pela sociologia do conhecimento (BURKE, 2003). Tendo uma notória decadência de números de trabalhos produzidos após sua aparição (BURKE, 2003; MERTON, 1977), a sociologia do conhecimento ressurgiu por meio dos estudos de Merton, desenvolvidos entre os anos de 1930 e 1960.

2.1 ESTUDOS MERTONIANOS

Por integrar uma parte da complexa rede responsável pela caracterização da Ciência, o perfil do cientista foi um conceito explorado por Merton (2013). O autor apresenta um conjunto de idéias que devem sustentar o *éthos* científico, que, segundo o autor seria “[...] esse complexo afetivamente modulado de valores e normas que se considera serem obrigatórios para o homem da ciência” (MERTON, 2013, p.183). Ainda segundo o autor, estes “valores” e “normas” são expressos por meio de imperativos necessários no desenvolver científico. Fazem parte do conjunto desses imperativos: universalismo; comunismo; desinteresse; ceticismo organizado.

Sob a ótica do imperativo universalismo, a Ciência deve valorizar a impessoalidade. Segundo Merton (2013, p.186), “a aceitação ou rejeição das alegações que são consideradas científicas não devem depender de atributos pessoais ou sociais de seus protagonistas, sua raça, nacionalidade, religião, classe e qualidades pessoais são irrelevantes”. A vantagem do universalismo é agregar à Ciência o sentido da impessoalidade.

Outro imperativo é o comunismo científico, que partilha da ideia de que descobertas significativas no campo da ciência são derivadas da colaboração social. Se a partilha do conhecimento, antes desenvolvido pelos pares, é uma determinante para novos resultados científicos, nada mais justo que estes mesmos avanços sejam divididos, constituindo uma herança comum (MERTON, 2013).

Segundo Merton (2013, p.195), o imperativo do desinteresse, nesse caso, não significa altruísmo. Para o autor, “há competição no reino da ciência, competição que é intensificada pela ênfase na prioridade como critério de realização, e, sob condições competitivas, pode-se muito bem gerar incentivos para eclipsar os rivais por meios ilícitos”. Entende-se, então, que o pesquisador veste-se com a virtude do desinteresse para conferir maior confiabilidade aos resultados científicos obtidos.

Não menos importante, o imperativo institucional ceticismo organizado deve ser comungado por cientistas que promovem a análise/validação científica de seus pares. Assim como o imperativo do universalismo, o ceticismo organizado configura imparcialidade ao processo de institucionalização da Ciência.

Com o apresentado, entende-se que o *éthos*, em sua complexidade, deve fundamentar o comportamento dos cientistas, constituindo sua obrigação moral. Compreendendo a complexa relação presente no campo científico entre os agentes que formam sua própria estrutura (BOURDIEU, 2004), entende-se que mensurar o *éthos* científico presente num campo exige grandes dificuldades, inclusive, podendo se limitar a especulações (MERTON, 2013). No entanto, informações que ajudem a caracterizar o campo científico podem empreender apontamentos que diminuam incertezas na mensuração.

2.2 BOURDIEU E A PROBLEMATIZAÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO

As considerações de Merton (2013) sobre a Ciência são corriqueiramente de tom social, seja em esfera interna (colaboração científica, rede social), seja em âmbito externo (Ciência para sociedade, sociedade para a Ciência). No entanto, acatar o universo da Ciência como estudo é saber, como afirma Targino (2000), das impossibilidades de concepções universais. Morel (1979, p.10) aponta os estudos mertonianos sobre o *éthos* da Ciência como uma vertente investigativa funcionalista e limitada. Para a autora, perceber as normas – universalismo, comunismo, desinteresse, ceticismo organizado – presentes na instituição social da Ciência como ambivalentes e apenas descrever a adoção de comportamentos desviantes (conflitos) em diferentes contextos é assumir, segundo a autora, uma perspectiva “[...] de cunho idealista e superficial [que] desconhece as condições sociais que propiciaram a institucionalização da Ciência; não analisa tampouco como as formas de produzi-la se modificaram historicamente”.

Nesse sentido, uma das grandes contribuições de Bourdieu (2008), ao proporcionar a adoção do método de análise de campo, poderia ser, respeitando particularidades, a capacidade de perceber princípios sociais presentes no campo científico e formular questões sobre a especificidade destes princípios. Tanto os estudos sobre campo científico, de Bourdieu, quanto os imperativos institucionais da Ciência, de Merton (2013), tratam da estrutura cultural da Ciência, ou seja, são estudos que examinam os costumes que circundam a institucionalização da Ciência. A ideia de campo científico poderia ser esboçada em uma estrutura em que estariam presentes os agentes e instituições que são responsáveis por produzir, reproduzir, ou difundir a ciência.

Ou seja, a produção científica não é compartilhada num meio social como um simples resultado cognitivo do indivíduo ou de um grupo, ela também é resultado de um contexto social específico. No caso da produção acadêmica, relações sociais entre os componentes do campo científico (agentes e instituições) são responsáveis pela validação dos novos conhecimentos. Nesta perspectiva de interdependência (cognitiva e social), faz-se necessário ressaltar itens como a representatividade simbólica (capital simbólico), o contexto de luta entre os agentes, e a política científica meritocrática. Com isso, a estrutura do campo científico costuma se apresentar: i) fragmentada – pelos espaços ocupados pelos agentes e instituições –; e ii) desproporcional, pois existe um contínuo movimento de conquista, manutenção ou redução desses espaços, a depender do ganho e perda de capital simbólico (reconhecimento).

Partindo para um ponto mais específico, as formas de reconhecimento de capital no campo científico no Brasil são diversas. Alguns programas de bolsas e auxílios do CNPq, por exemplo, utilizam de uma política de verificação do mérito científico dos pesquisadores. Após esse procedimento, é decidido sobre a possibilidade de concessão dos benefícios. A produção científica de livros, capítulos de livros, artigos em periódicos reconhecidos e a formação acadêmica (mestre, doutor, estágio pós-doutoral), acabam por serem formas legitimadas de reconhecimento. Essas podem ser compreendidas, ainda, como auxiliares na complexa caracterização do campo científico. Assim, faz saber que:

A força de um agente depende de seus trunfos, factores diferenciais de sucesso que podem garantir-lhe uma vantagem em relação aos rivais, ou seja, mais exactamente, depende do volume e estrutura do capital de diferentes espécies que possui. O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico, capital fundado no conhecimento e reconhecimento. (BOURDIEU, 2008, p.53).

Analisando a referida passagem, percebe-se que o reconhecimento é uma moeda de troca no campo científico. Ao apontar a presença de características como “vantagem” e “rivais”, o autor indica a existência do conflito, ou da luta. Ao assumir a perspectiva da permanência dessas características de embate no campo, em partes, têm-se justificado algumas prerrogativas para o avanço científico, afinal, a refutação ou avanços de paradigmas são processos árduos para o cientista (KUHN, 1998), e o reconhecimento dessa conquista é a destinação de um valioso capital científico para seu respectivo responsável.

A problematização do campo científico se torna valiosa na obtenção de maior entendimento sobre o processo de desenvolvimento da Ciência. Outro fator positivo, diz

respeito à caracterização da estrutura do campo científico, que pode ser realizada por meio da análise da produção científica e seu reconhecimento validado. Essas explicações não depõem integralmente contra os estudos de Merton (2013), comentados anteriormente, mas sim, apresentam uma complementaridade sobre uma visão encarada como funcionalista e aparentemente limitada (MOREL, 1979).

2.3 CIÊNCIA, SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO

Segundo Bourdieu (2004, p.32-34), “[...] quanto mais um campo [científico] é autônomo e próximo de uma concorrência pura e perfeita, mais a censura é puramente científica e exclui a intervenção de forças puramente sociais [...]”. No entanto, o autor ressalva que a prática científica necessita ser custeada de alguma forma e este fator recai sobre o grau de autonomia da mesma. Terminologias como “autonomização relativa” ou “relativa autonomia” do campo científico expressam o pensamento de que o campo científico “[...] está dotado, ao mesmo tempo, de mecanismos de regulação que lhe são próprios e que ele estabelece com os outros microcosmos sociais - campo econômico, político etc. - relações de interdependência”. (SHINN; RAGOUET, 2008, p.123). Na ciência, tanto o ato de convencer quanto o agente que necessita ser convencido para legitimar a ciência estão atrelados ao interesse, comportamento que é visto de maneira natural por Bourdieu (1996).

Fica, portanto, constatado que a autonomia de um campo científico é uma característica rara, podendo ser considerada impossível, afinal, quanto mais estratégica para o desenvolvimento social e econômico uma ciência for, mais interferências externas estarão presentes no seu processo de validação (BOURDIEU, 2004). No Brasil, o CNPq, um dos maiores agentes financiadores presentes no campo científico, sua missão institucional do CNPq é a de fomentar a ciência, tecnologia e inovação e atuar na formulação de suas políticas, contribuindo para o avanço das fronteiras do conhecimento, o desenvolvimento sustentável e a soberania do país. A missão institucional do CNPq corrobora com o defendido até aqui, sendo percebido um tipo de “moeda de troca”, em que as políticas públicas de fomento não atuam apenas como linha auxiliar exclusiva do campo científico, mas também, no sentido de fortalecer e alcançar interesses presentes no campo político e econômico.

Como o objeto de estudo deste trabalho é a produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação do CNPq, explana-se que o programa de bolsa de produtividade em pesquisa implantado pelo CNPq objetiva incentivar a qualidade da pesquisa em pós-graduação no ensino superior no Brasil. De acordo com a Resolução Normativa 016-2006 do CNPq, o programa de produtividade em pesquisa (PQ) é destinado aos pesquisadores “[...] que se

destacam entre seus pares, valorizando sua produção científica segundo critérios normativos, estabelecidos pelo CNPq, e específicos, pelos Comitês de Assessoramento (CAs) do CNPq” (CNPq, 2006). O programa ainda destina financeiramente benefícios e, a depender da classificação dada ao pesquisador pelo CNPq, adicionais de bancada. O sistema político científico dedica atenção aos agentes/instituições científicas de maneira díspar, não sendo uniforme a distribuição de recursos. Neste contexto, produção e produtividade científica ganham dimensões ainda maiores (SCHWARTZMAN, 2008).

Como afirmado, a distribuição de recursos aos agentes/instituições é realizada segundo o reconhecimento de capital simbólico que esses venham a ter, e, como visto em teoria, existe uma potencial chance desta distribuição não ser equivalente. Correia (2012, p.58) indica que esse fenômeno não é por acaso. Existe um sistema de avaliação da produção científica que pode ser entendido “[...] como um processo de medição da ciência, através da verificação do mérito”. O conceito de meritocracia denomina uma forma de governar que leva em consideração o mérito de cada um individualmente.

2.3.1 A área de Comunicação no Brasil

A área de Comunicação começa a delinear seus estudos sistemáticos no final da década de 1940 e tem sua estimável consolidação na década de 70. Foi neste ínterim que houve, inicialmente, “a instalação das bases industriais do mercado cultural nos anos 60 e sua consolidação nos anos 70 [...]” (LOPES, 2010, p.17). A Comunicação no Brasil ganha reconhecimento com os estudos que tinham como objeto, em síntese, os produtos da indústria cultural dos meios de comunicação, como o rádio e a televisão (mais notórios), o jornal, a revista, o cinema, a música (disco). Porém, a breve efervescência dos estudos sobre comunicação de massa teve consequências. Por exemplo, descobertas científicas, necessárias para um aprofundamento de um campo científico, não foram ainda bem evidenciadas (LOPES, 2010). Autores no campo da Comunicação demonstram preocupações sobre dimensões referentes aos estudos sobre o trabalho midiático de produção de sentido, sendo “a primeira, de caráter teórico-metodológica, e a segunda, mais diretamente relacionada com aspectos teórico-epistemológicos” (FAUSTO NETO, 2010, p.79).

Percebe-se, de um lado, o reconhecimento de fraqueza sobre o estatuto teórico da área, e, de outro, a necessidade de desenvolvimento de tentativas intelectuais que possam consolidar melhor o campo da Comunicação. Sendo apresentado como uma solução, no sentido de fomentar a pesquisa de qualidade, garantindo condições técnicas de produção e na busca da legitimidade científica perante a sociedade civil, o CNPq, por meio de seus

programas de intervenção científica, oferece ao pesquisador a chance de receber benefícios que o auxiliem no desenvolvimento de suas pesquisas.

Algumas notas mostram-se válidas neste estudo, como, por exemplo, as que dizem respeito às intencionalidades e interações presentes no campo da Comunicação, responsáveis por lhe conferir identidade própria. Em um campo, a conquista de espaço por um agente, significa alterar o espaço de outro (BOURDIEU, 2008). Significa reter maior capital científico, poder mensurar esse detalhe e conseguir retribuições em seu próprio campo ou até mesmo em outros (SHINN; RAGOUET, 2008). A informação recebe, neste contexto, grande importância, afinal é ela a expressão codificada do conhecimento, resultado da capacidade de organização do pensamento coletivo e/ou individual presente no fluxo da informação circulante (BARRETO, 2000). Corrente ao pensamento do fluxo da informação, descrito por Barreto (2000), é encontrado o pensamento de que “não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado” (FREIRE, 1977, p. 66). Com isso, percebe-se que neste campo, ser reconhecido exige o desafio de validar o conhecimento perante seus pares. Um conflito árduo, porém necessário (SCHWARTZMAN, 2008).

O que pode parecer imperceptível – ou, de tão notório, ser esquecido – é o detalhe de que a informação não expressa somente a capacidade individual, ou coletiva, de organização do conhecimento do indivíduo. Ela também exprime a intencionalidade cognitiva do homem que a quer ver representada em seu meio. Barreto (1998, p.122) afirma que “A Essência [...] do fenômeno da informação é a sua intencionalidade”. A intencionalidade expressada na informação é um dos dispositivos da controvérsia, colocando a ciência em um estado vivo (KUHN, 1998).

3 METODOLOGIA E RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

Esta pesquisa foi pautada na busca exploratória de informações concernentes ao objeto de estudo, visando, com isso, melhor entendê-lo ou compreender fenômenos relacionados ou consequentes do mesmo. Com isso, afirma-se que a pesquisa explorou as produções científicas bibliográfica (artigos em periódicos científicos, capítulos de livros, livros e artigos em anais de congresso) entre os anos de 2004-2013 dos 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação do CNPq e utilizará como estratégia a análise qualitativa destas produções.

É utilizado o mesmo argumento apresentado por Laville e Dionne (1999, p.225), em que é possível entender que as perspectivas quantitativas e qualitativas não se opõem “[...] e podem até parecer complementares, cada uma ajudando à sua maneira o pesquisador a cumprir sua tarefa, que é a de extrair as significações essenciais da mensagem”. Com isso, a

análise qualitativa é vista como solução para o entendimento do material estatístico que será presente no estudo.

Na pesquisa científica, a busca pela objetividade prevalece em detrimento a procedimentos aleatórios e subjetivos, visando à continuidade da pesquisa estruturada, rigorosa e sistemática. Dentre as três estratégias qualitativas de análise – emparelhamento; análise histórica; construção interativa de uma explicação – descritas por Laville e Dionne (1999), a que estabelece maior proximidade com a maneira de desenvolvimento desta pesquisa é o emparelhamento.

O método de emparelhamento é uma associação estratégica que supõe:

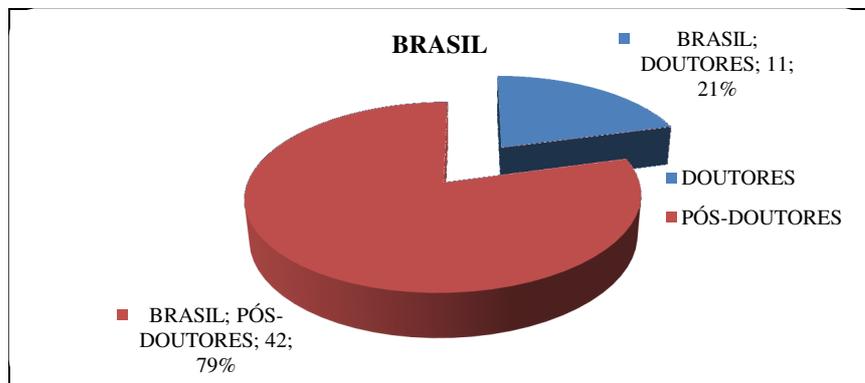
[...] a presença de uma teoria sobre a qual o pesquisador apoia-se para imaginar um modelo do fenômeno ou da situação em estudo. Cumpre-lhe em seguida verificar se há verdadeiramente correspondência entre essa construção teórica e a situação observável, comparar seu modelo lógico ao que aparece nos conteúdos, objetos de sua análise. (LAVILLE; DIONNE, 1999, p.227).

3.1 RESULTADOS

Com base na análise das 3.548 produções científicas (artigos em periódicos científicos, capítulos de livros, livros e artigos em anais de congresso) dos 53 bolsistas de produtividade em pesquisa em Comunicação do grupo 1 do CNPq, conseguiu-se indicativos capazes de revelar peculiaridades presentes no campo científico. Informações sobre a produção científica realizada por este grupo, entre os anos de 2004 a 2013, foram resgatadas na Plataforma Lattes do CNPq, utilizando a ferramenta do Currículo Lattes, no dia 11 de setembro de 2014. Os resultados traduzem informações sobre o perfil dos pesquisadores estudados; a características sobre as instituições de ensino superior a que estão vinculados; à formação acadêmica destes profissionais; e também aos números brutos das produções científicas (capítulos de livro; artigos em periódicos; trabalhos em anais de congresso; livros).

Como afirma Morel (1979), valores como a busca pelo conhecimento são forças que motivam os cientistas, ainda segundo a autora, o alcance de tais valores podem se configurar como trunfos/diferenciais para o pesquisador. Esse pensamento partilhado por Morel (1979) é muito semelhante ao pensamento de Bourdieu (2004). Assim, é possível levar em consideração o fato de que a formação acadêmica e a realização de estágios pós-doutorais desses pesquisadores podem se configurar como uma forma de capital científico, exercendo importante representatividade no campo. Foi realizado, como indicado no gráfico 1, o seguinte levantamento:

Gráfico 1 - Bolsistas PQ 1 em Comunicação: Doutores e Pós-Doutores

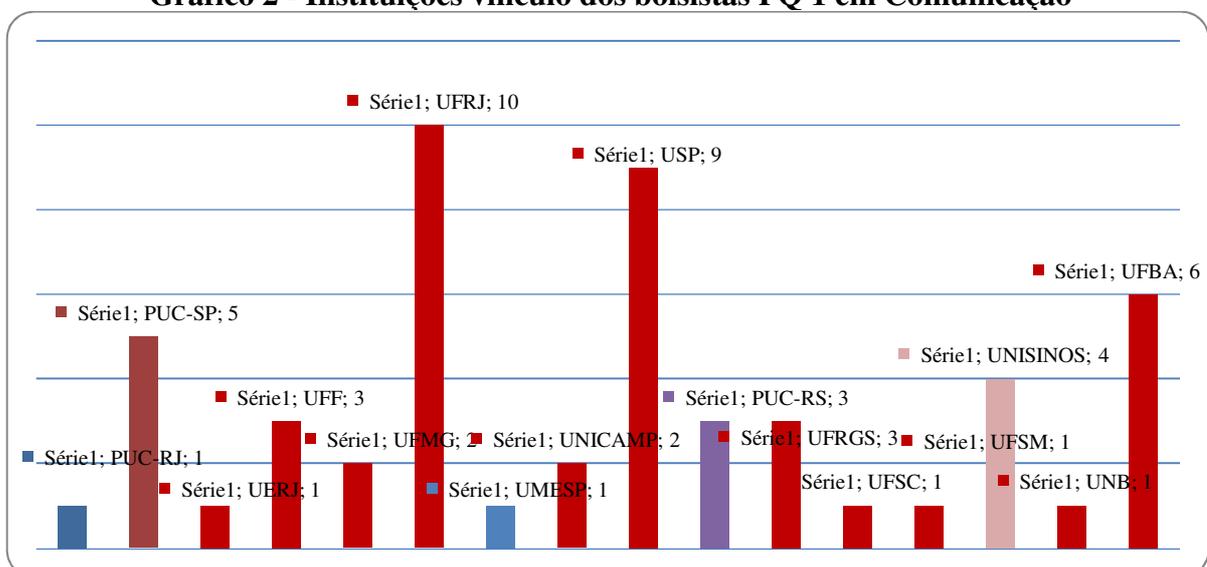


Fonte: Elaborado pelo autor.

A categoria de Pós-Doutorado é registrada no currículo de 42 pesquisadores (79%), enquanto apenas 11 bolsistas (21%) têm a exclusiva categoria de Doutor. Esses números apontam o nível de aperfeiçoamento alcançado pelos pesquisadores PQ 1, e representam, de alguma forma, maturidade para a prática científica.

Outro fator a ser observado são as instituições vínculo deste grupo de bolsistas. A SBPC (2011) reconhece que a maioria dos pesquisadores do Brasil está localizada nas universidades públicas. As universidades públicas são as responsáveis pelos maiores centros de pesquisa do país. Na pesquisa, é apontado que 39 pesquisadores possuem vínculo com universidades públicas (74%), enquanto 14 são de instituições privadas (26%). É demonstrada no gráfico 2 as Instituições de Ensino Superior onde estão vinculados os bolsistas PQ 1.

Gráfico 2 - Instituições vínculo dos bolsistas PQ 1 em Comunicação

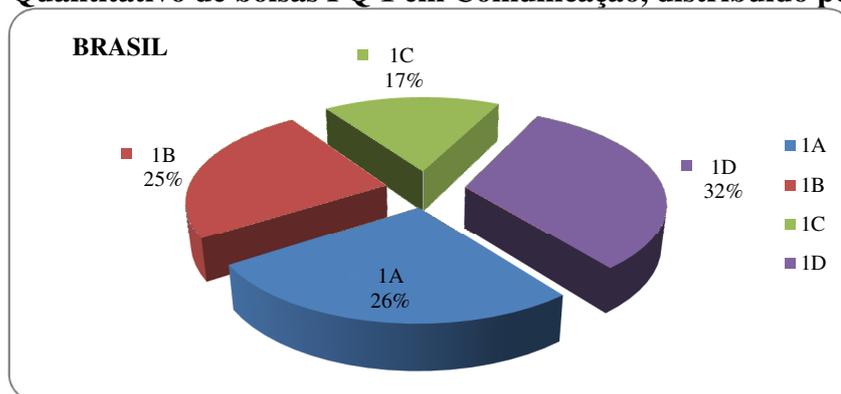


Fonte: Elaborado pelo autor.

A cor vermelha representa as instituições públicas de ensino, a azul as privadas. Vale salientar que as universidades públicas concentram, segundo Viotti (2010), cerca de 90% dos laboratórios e centros de pesquisa (pesquisa científica e tecnológica), e possuem maior capacidade de formação de recursos humanos em graduação e pós-graduação. Com isso, a vinculação de um pesquisador tende a ganhar significações simbólicas perante seus pares. Cabe frisar que existem no Brasil universidades privadas de tradição com excelentes laboratórios e centros de pesquisa.

Sobre a categoria dos bolsistas, existe uma divisão no grupo bolsistas PQ 1 em quatro diferentes níveis. A Resolução Normativa 016/2006 do CNPq indica que a categoria PQ 1A é reservada “[...] a candidatos que tenham mostrado excelência continuada na produção científica e na formação de recursos humanos, e que liderem grupos de pesquisa consolidados”. Para os níveis PQ 1B e 1C, a mesma resolução sugere que o espaço é reservado para bolsistas que mostraram uma crescente colaboração à formação de recursos humanos especializados; à produção científica e tecnológica de qualidade; e contribuíram na organização de grupos de pesquisa e programas de graduação das instituições vínculo destes pesquisadores. São capitais científicos notoriamente reconhecidos pelos agentes que compõem o campo científico da Comunicação. Com isso, verificou-se (GRÁFICO 3) como está configurada a divisão dos bolsistas PQ 1.

Gráfico 3 - Quantitativo de bolsas PQ 1 em Comunicação, distribuído por categorias

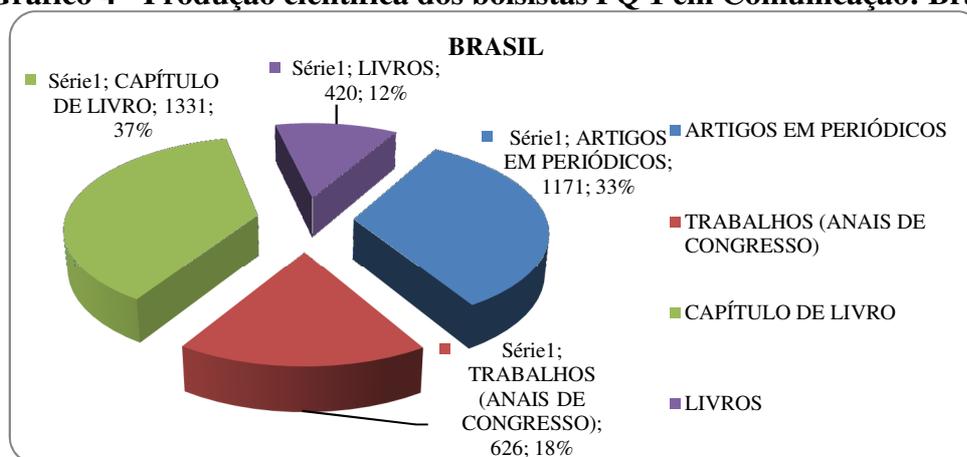


Fonte: Elaborado pelo autor.

É uma divisão, dentro dos limites, equilibrada, cabendo ressaltar que o grupo 1A, 1B e 1C, considerados de maior destaque pelo CNPq, corresponde a 68% do total. Com base nas exigências presentes na Resolução Normativa nº 016/2006 do Programa de Bolsa de Produtividade, é visto que o grupo de pesquisadores PQ 1A, 1B e 1C, além de demonstrarem desenvoltura e qualidade nas atividades exercidas, tem, em suas respectivas produções,

reconhecimento nacional e internacional e são responsáveis pelo desenvolvimento ou melhoramento da pesquisa e ensino de graduação e pós-graduação. Sobre a produção científica realizada pelos pesquisadores, foi perceptível a preferência por capítulos de livro, totalizando 1.331 registros (37%) entre os anos de 2004 até 2013. Em seguida, destacam-se, com 1.171 produções (33%), os trabalhos em formato de artigos publicados em periódicos. Obras contidas em anais de congresso e livros foram menos expressivos, tendo, respectivamente, o somatório de 626 (33%) e 420 (12%).

Gráfico 4 - Produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Brasil

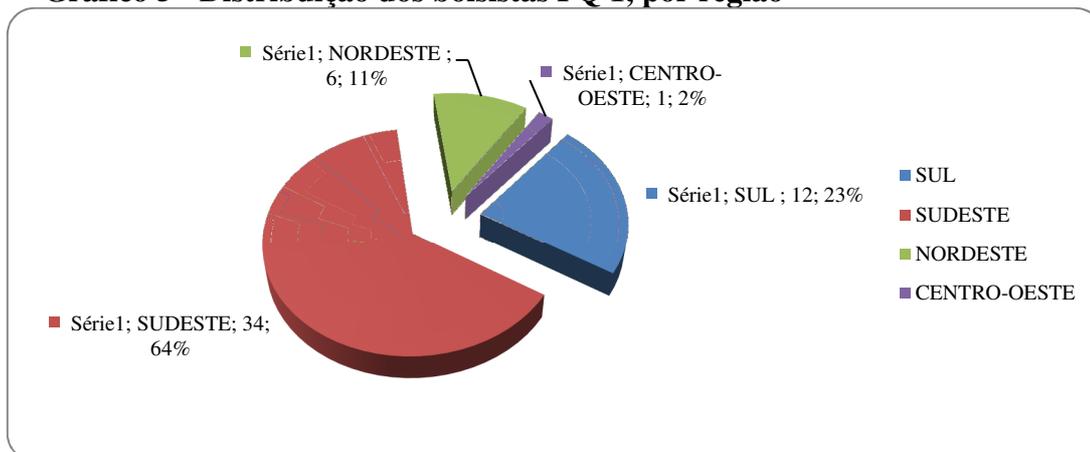


Fonte: Elaborado pelo autor.

O baixo número de produções encontradas em anais de congresso e publicações demonstra uma característica peculiar deste grupo de agentes pesquisados. Uma hipótese levantada é a de que o dinamismo exigido do pesquisador para apresentação, e posterior registro em anais, de trabalhos em congressos pode não ser compatível ao perfil dos pesquisadores de alto nível do programa de bolsas de produtividade. Com dinamismo diferenciado da proposta de produção direcionada a congressos acadêmicos, encontra-se a sugestão das publicações em periódicos, que, segundo os números apresentados, apresenta-se mais condizente as preferências dos bolsistas.

Os 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação estão presentes e atuantes em quatro regiões. O Sudeste concentra a maior parte dessa divisão. Ao todo estão presentes 34 pesquisadores (64%). O Sul tem a segunda maior parcela, concentrando 12 bolsistas (23%). O Nordeste mostra presença com um grupo de seis bolsistas (11%) e o Centro-Oeste conta com apenas um (2%). Os dados estão representados no gráfico 5.

Gráfico 5 - Distribuição dos bolsistas PQ 1, por região

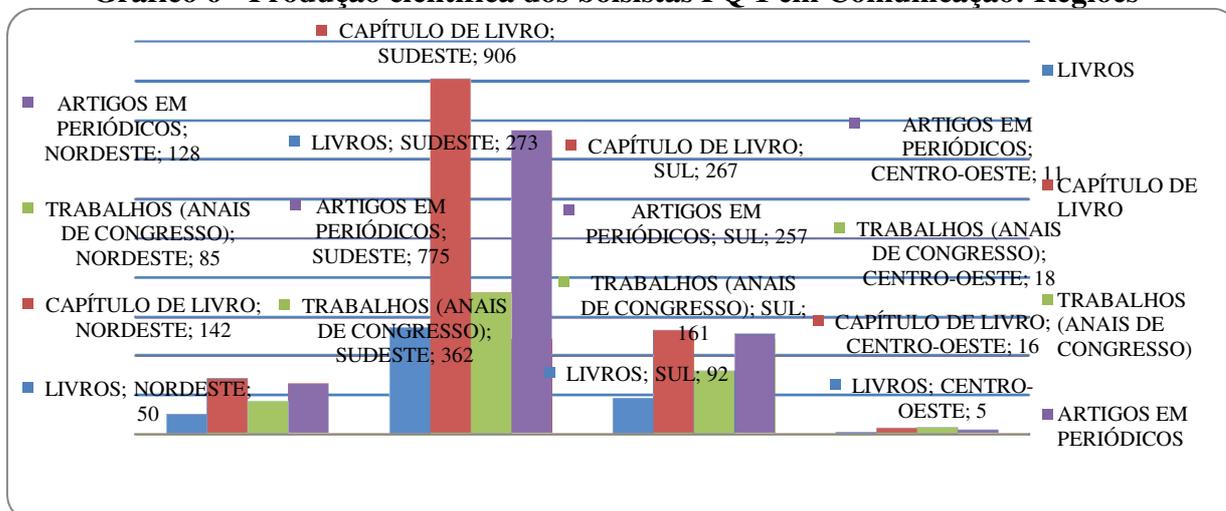


Fonte: Elaborado pelo autor.

Enquanto existe déficit de bolsas de produtividade em pesquisa em nível de excelência na maior parte das regiões, o Sudeste concentra a maior parte das bolsas PQ 1, demonstrando estar em situação favorável na comparação com outras partes do país. Uma justificativa plausível para esta distribuição poderia ser a concentração dos Programas de Pós-Graduação (PPG) *strictu sensu* em Comunicação existentes no Sudeste, tradicionalmente responsável pela maior parte da produção científica da área (LOPES, 2010).

Os diferentes formatos das produções científicas são, enquanto capital simbólico, reconhecidos de maneiras distintas no campo científico (BOURDIEU; 2008). Sob essa ótica, levantaram-se quatro diferentes formatos de produção científica (livros; capítulos de livro; artigos em periódicos; registros de trabalhos em anais de congresso) dos atuais bolsistas PQ 1 em Comunicação entre os anos de 2004-2013. A maior parte da produção científica dos últimos 10 anos foi realizada pelo Sudeste, como apresentado no gráfico 6.

Gráfico 6 - Produção científica dos bolsistas PQ 1 em Comunicação: Regiões



Fonte: Elaborado pelo autor.

Pormenorizando o levantamento sobre as produções no formato de artigos em periódicos científicos, foram verificados quais eram os estratos das revistas utilizadas para publicar suas pesquisas. A tabela 1 demonstra o quantitativo de trabalhos publicados em todas as regiões nos últimos dez anos (2004-2013) e detalha o número de periódicos e suas respectivas porcentagens.

Tabela 1 - Quantitativos de artigos publicados e estrato qualis: Regiões

	SUDESTE		SUL		NORDESTE		CENTRO-OESTE		TOTAL	
	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%	Quant	%
A1	14	2	18	7	7	6	-	-	39	4
A2	153	20	58	23	25	20	2	18	238	20
B1	221	29	97	38	51	40	6	51	375	32
B2	64	8	11	4	8	6	-	-	83	7
B3	41	5	16	6	-	-	-	-	57	5
B4	57	7	14	5	7	5	1	9	79	7
B5	45	6	12	5	3	2	-	-	60	5
C	45	6	7	3	9	7	-	-	61	5
SEM ESTRATO	135	17	24	9	18	14	2	18	179	15
TOTAL	775	66%	257	22%	128	11%	11	1%	1.171	100%

Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela 1 exprime, quantitativamente e proporcionalmente, a responsabilidade da região Sudeste na contribuição científica para a área da Comunicação no Brasil. São números expressivos, porém carregados de caráter tendencioso. A Lei de Matheus é recordada na constatação deste fato, registrado na tabela 3, em que os números tendem a acarretar o vício do agraciamento para os pesquisadores detentores de grandes quantias de publicação e a censura para os menos favorecidos. Salienta-se que neste contexto não há como não levar em consideração o fato de que o desenvolvimento da ciência é uma atividade que exige recursos, e estes são limitados pela política científica nacional.

Entre os anos de 2004 e 2013, os bolsistas PQ 1 em Comunicação tiveram 51% das suas pesquisas publicadas em periódicos bem conceituados (B1; A2 e A1). Ainda assim, foram 179 artigos, 15% de toda produção, publicados em revistas científicas sem estrato. São 122 periódicos que não obedecem, minimamente, aos requisitos de qualidade exigidos pela CAPES por meio do sistema WebQualis. Esse dado chama atenção, pois o mesmo representa a terceira parcela do conjunto de produções científicas neste formato.

4.3 RESULTADOS EMPARELHADOS

Por meio do CNPq, é instituído no conjunto de bolsistas PQ 1 a ideia de progressão, rebaixamento ou exclusão, essa ação provoca uma reação: os pesquisadores são pressionados a manterem uma contínua produção científica de destaque (de alcance nacional e internacional), em que haja o reconhecimento no campo científico e, quando possível, em outros campos (político ou econômico, por exemplo). Contudo, é observado que existem lógicas próprias de reconhecimento no meio científico. Observando os resultados obtidos no desenvolvimento desta pesquisa e emparelhando com a teoria, definiram-se quais são as formas de capital simbólico/científico mais reconhecidas na área da Comunicação. O quadro 1 listou características presentes no grupo PQ 1 em Comunicação.

Sendo indícios valorizados pelo CNPq para indicar progressão de bolsa PQ aos pesquisadores, a parte superior esquerda da primeira coluna do Quadro 1 indica a porcentagem demarcada pelo grupo de 53 bolsistas PQ 1 em Comunicação. A parte inferior esquerda da primeira coluna também indica características presentes, porém que recebem menor valor de reconhecimento de capital simbólico/científico, tanto para o CNPq, quanto para os próprios pares envolvidos neste conjunto de relações. A afirmação realizada tem fundamento no fato de que todas as características que atribuem um mérito maior, que geram progressões, tiveram um índice alto (superior a 50%). Existe uma maior procura pela adequação do perfil às características ali percebidas (pós-doutores; vinculação à IES públicas, PQ 1A, 1B e 1C), bem como aos tipos de produções científicas ali descritas (capítulos de livro; artigos em periódicos bem conceituados).

Quadro 1 - Características apreendidas: resultados emparelhados

CAMPO CIENTÍFICO E A POLÍTICA CIENTÍFICA NACIONAL (CNPq)		
PROGRESSÃO (ganha de capital científico)		
ESTÁGIO PÓS-DOUTORAL: 79% PÓS-DOUTORES	CAPITAL SIMBÓLICO/CIENTÍFICO E O CONTEXO DA LUTA	MÉRITO RECONHECIDO
IES PÚBLICA: 74%		
PQ 1A, 1B E 1C: 68%		
CAPÍTULOS DE LIVROS E ARTIGOS EM PERIÓDICOS: 70%		
ARTIGOS EM REVISTAS B1, A2 E A1: 56%		
REBAIXAMENTO OU EXCLUSÃO (perda ou estagnação de capital científico)		
FORMAÇÃO ACADÊMICA: 21%	CAPITAL SIMBÓLICO/CIENTÍFICO	MENOR

DOUTORES	E O CONTEXTO DA LUTA	RECONHECIMENTO
PQ 1D: 32%		
PUBLICAÇÕES EM REVISTAS SEM QUALIS: 15%		
PUBLICAÇÕES EM REVISTAS COM QUALIS B2 - C: 29%		
TRABALHOS EM ANAIS DE CONGRESSO: 18%		

Fonte: Elaborado pelo autor

As características localizadas na parte inferior do quadro representam risco de rebaixamento ou exclusão para os pesquisadores que optam por este tipo de produção (publicações em revistas de qualis com pouca evidência ou até mesmo sem estrato). O próprio reconhecimento do pesquisador PQ 1D não é bem definida pelo CNPq, no entanto, é possível assinalar que os mesmos podem ser apontados como uma espécie de “periferia”: circulando o grupo dos mais conceituados de pesquisadores (1A, 1B e 1C), bem como o grupo de menor reconhecimento (PQ 2). É reafirmado que existe um limite de bolsas a serem concedidas, ou seja, a conquista de capital científico é realizada na busca do reconhecimento, na conquista de espaço dentro do campo. Com isso, se este pensamento é fixado nos demais agentes que compõe o grupo, estará definido um contexto de luta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi relatado bons apontamentos sobre as contribuições das 53 personalidades melhor reconhecidas na área da Comunicação, seja pelo CNPq – por meio de seus Comitês de Assessoramento, constituídos por pesquisadores da própria área de Ciências Humanas e Sociais (CHS)² – seja pelos pares presentes no meio acadêmico. Assinala-se também que as contribuições científicas deste grupo estudado partem de um prisma transversal, em que não existe o puro interesse científico.

A dimensão documental das produções científicas desses bolsistas foi explorada a fim de detectar informações sobre: formação acadêmica dos pesquisadores e realização de estágio pós-doutoral; denominação das IES que eles estão vinculados; quantitativo de bolsas de produtividade (incluindo sua distribuição por região específica); produção científica e formato e meio transmissor utilizado (artigos em periódicos, trabalhos em anais de congresso, livros e capítulos de livro); e estrato qualis das revistas científicas utilizadas por esses pesquisadores.

² Disponível em: <<http://www.cnpq.br/web/guest/membros-dos-comites#>>. Acesso em: 11 jan. 2015.

O estudo foi feito por meio da análise de 3.548 produções científicas, realizadas entre os anos de 2004-2013.

São informações como as apresentadas que ajudam a entender melhor o funcionamento do campo científico da Comunicação. Foi considerado que as ações de conhecimento e reconhecimento dos agentes presentes não são fortuitas, manter-se em uma posição favorável na estrutura do campo científico exige, portanto, uma atenção às características presentes.

Sobre o problema da pesquisa, ao questionar sobre a possibilidade de obter indícios sobre o campo científico da Comunicação, por meio da análise da produção científica dos bolsistas PQ 1, foi levado em consideração a relevância e complexidade do dispositivo da comunicação científica e também fatores contextuais necessários para que esta específica forma de comunicação se legitime. Neste estudo, a comunicação da ciência foi um fenômeno encarado basicamente por duas perspectivas complementares. Uma delas estava diretamente voltada ao universo da informação, afinal, aquilo que fora comunicado por aqueles pesquisadores era resultado de conhecimento anteriormente organizado e que tinha no dispositivo comunicacional da ciência sua possibilidade de representação. A outra estava inserida diretamente nas relações sociais e de poder presentes no grupo de pesquisadores estudado. Considerou-se então que o capital científico, os sistemas de troca, a meritocracia, e os auxílios financeiros limitados estão determinando uma cultura de produção específica para os bolsistas PQ 1.

Pode-se dizer que o problema da pesquisa foi solucionado visto que foi possível encontrar indícios referentes à caracterização do campo científico da área de Comunicação nas produções científicas dos bolsistas PQ 1 do Brasil, confirmando automaticamente a hipótese levantada.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os agregados da informação – memórias, esquecimento e estoques de informação. **Datagramazero**, v.1, n.3, jun., 2000.

_____. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.27, n.2, p. 122-127, maio/ago., 1998.

BOURDIEU, P. O campo científico. In: BOURDIEU, P.; ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Tradução: Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. cap.4, p.122-155.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Tradução: Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70,

2008.

_____. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução: Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. **O poder simbólico.** Tradução: Fernando Tomaz. 16ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento:** de Gutemberg a Diderot. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO - CNPq. Resolução **RN nº 016/2006, de 06 de julho de 2006.** Bolsas individuais no país. Disponível em: <http://www.cnpq.br/web/guest/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100343#16061>. Acesso em: 7 ago. 2014.

CORREIA, A. E. G. C. **A influência exercida pelo sistema de avaliação da CAPES na produção científica dos programas de pós-graduação em Física.** 2012. 214f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) -- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2012.

FAUSTO NETO, A. Epistemologia do zigue-zague. In: FERREIRA, J.; PIMENTA, F. J. P.; SIGNATES, L. (Orgs.). **Estudos de comunicação:** transversalidades epistemológicas. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2010. cap.2, p.79-100.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUIMARÃES, J. A. C.; GRACIO, M. C. C.; MATOS, D. F. O. Produção científica de bolsistas pesquisa em Ciência da Informação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – um estudo com artigos de periódicos. **Datagramazero**, v.15, n.2, abr., 2014.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** Tradução: Beatriz Vianna Boeira; Nelson Boeira. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber:** manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas. Tradução: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LOPES, M. I. V. **Pesquisa em comunicação.** 10ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

MELO, W. M. **Indicativos sobre o campo científico da comunicação:** uma análise da produção científica dos bolsistas de produtividade em pesquisa entre os anos de 2004-2013. 2015. 101f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2015.

MERTON, R. K. **La sociología de la ciencia**, 1. Madrid: Alianza Editora, 1977.

_____. A ciência e a estrutura social democrática. In: MERTON, R. K.; MARCOVICH, A. (Org.); SHINN, T. (Org.). **Ensaio de sociologia da ciência**. Tradução Sylvia Gemignani Garcia e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Associação Filosófica Scientiae Studia; Editora 34, 2013. cap.7, p.181-198.

MOREL, R. L. M. **A pesquisa científica e seus condicionamentos sociais**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

SCHWARTZMAN, S. **Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA (SBPC). **Ciência, tecnologia e inovação para um Brasil competitivo**. São Paulo: SBPC, 2011.

SHINN, T.; RAGOUET, P. **Controvérsias sobre a ciência: por uma sociologia transversalista da atividade científica**. Tradução: Pablo Rubén Mariconda e Sylvia Gemignani Garcia. São Paulo: Associação Filosófica Scientia Studia; São Paulo: Editora 34, 2008.

VIOTTI, E. B. Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico-científica brasileira. In: CENTRO DE GESTÃO E ESTUDOS ESTRATÉGICOS (CGEE). **Doutores 2010: estudos da demografia da base técnico científica brasileira**. Brasília: Centro de Gestão de Estudos Estratégicos, 2010. cap.1, p.10-50.

TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade: estudos**, João Pessoa, v.10, n.2, 2000.